http://journal.unoeste.br/index.php/ch
DOI: 10.5747/ch.2020.v17.h489
ISSN on-line 1809-8207

Colloquium Humanarum

Submetido: 29/08/2020 Correções: 02/10/2020 Aceite Final: 19/10/2020

A FORMAÇÃO CONTINUADA PARA A APROPRIAÇÃO DAS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO NA PRÁTICA DE PROFESSORAS ALFABETIZADORAS: LIMITES E PERSPECTIVAS

Priscila Ramos Toledo Ferreira[1], Márcia Regina do Nascimento Sambugari[2]

[1]Mestre em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS, Câmpus do Pantanal (CPAN). **ORCID iD:** https://orcid.org/0000-0002-5232-2402. **E-mail:** pritoledo25@gmail.com
[2]Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC. Professora Associada da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul - UFMS. **ORCID iD:** https://orcid.org/0000-0003-4671-2102. **E-mail:** marciasambugari@yahoo.com.br

RESUMO
O artigo aborda parte dos resultados da pesquisa que investigou a formação continuada para a apropriação das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) na prática pedagógica de professoras alfabetizadoras. Com abordagem qualitativa, o estudo contou com a participação de quatro professoras alfabetizadoras de duas escolas da rede municipal de ensino de Corumbá, Mato Grosso do Sul por meio de realização de entrevista com roteiro semiestruturado. Para complemento de informações também foram entrevistados os professores responsáveis pelas salas de Tecnologias (STE) das respectivas escolas e a coordenadora do Núcleo de Tecnologia de Corumbá (NTEC). Os resultados indicaram que os cursos de formação continuada propiciaram o aprendizado, uma vez que a inserção das TICs não foi abordada na formação inicial das professoras alfabetizadoras. Contudo, apesar do posicionamento positivo frente aos programas e cursos, alguns obstáculos foram destacados, tais como: lacunas da formação inicial; incompatibilidade de horários e despreparo de formadores. O estudo apontou também a necessidade de ações de formação pontuais que contemplem as especificidades do ensino da leitura e da escrita, partindo das necessidades e situações problemáticas das professoras. Infere-se, portanto, que a formação continuada pode se constituir como um espaço que propicia de forma coletiva a construção de novos conhecimentos e requer um clima de colaboração que envolva a comunidade educativa.
Palavras-chave: Tecnologia. Prática docente. Alfabetização.

THE CONTINUING EDUCATION FOR THE APPROPRIATION OF INFORMATION AND COMMUNICATION TECHNOLOGIES (ICTS) IN TEACHERS' LITERACY PRACTICE: LIMITS AND PERSPECTIVES

ABSTRACT
The article address part of the results of the research that investigated the continuing education for the appropriation to information and communication technologies (ICTs) in teaching practice of literacy' teachers. With qualitative approach, the study had the participation of four teaching teachers from two municipal schools of Corumbá, Mato Grosso do Sul through interview with semi-structured script. To add information, the teachers responsible for technologies class from those schools as well as the coordination of the Technology Center of Corumbá (TCC), they were also interviewed. The results highlights that continuing education courses provided the learning, once that information and communication technologies' insert wasn't addressed in initial education of literacy teachers. However, despite the positive position in front of the programs and courses, some barriers were highlighted, such as: initial education gaps; schedules incompatibility, lack of qualification from teachers. The study also pointed out the necessity of specific training actions that address the specificities of reading and writing teaching, starting from teacher's needs and problematic situations. It's possible conclude, therefore, that continuing education can be formed as a space that provides in a collectivity way, the construction of new knowledge as soon as requires a collaboration climate including all the educational community.
Keywords: Technology. Teaching practice. Literacy.

LA FORMACIÓN CONTINUA PARA LA APROPIACIÓN DE LAS TECNOLOGÍAS DE LA INFORMACIÓN E LA COMUNICACIÓN EN LA PRÁCTICA DE LOS PROFESORES ALFABETIZADORES: LÍMITES Y PERSPECTIVAS

RESUMEN

El artículo aborda parte de los resultados de la investigación que investigó la formación continua para la apropiación de las Tecnologías de la Información y la Comunicación (TICS) en la práctica pedagógica desde la visión de los alfabetizadores. Con un enfoque cualitativo, el estudio contó con la participación de cuatro alfabetizadoras de dos escuelas de educación de la red de enseñanza municipal de Corumbá, Mato Grosso do Sul, a través de una entrevista con guión semiestructurado. Para complementar las informaciones, también se entrevistó a los docentes responsables por los salones de Tecnologías (STE) de las respectivas escuelas y a la coordinadora del Núcleo de Tecnología de Corumbá (NTEC). Los resultados indicaron que los cursos de educación continua brindaron aprendizajes, una vez que la inserción de las TICS no fue abordada en la formación inicial de los alfabetizadores. Sin embargo, a pesar de la posición positiva frente a los programas y cursos, se destacaron algunos obstáculos, como: lagunas en la formación inicial, incompatibilidad de horários y falta de preparación de los formadores. El estudio también señaló la necesidad de acciones formativas específicas que aborden las especificidades de la enseñanza de la lectura y la escritura, en función de las necesidades y situaciones problemáticas de los docentes. Se infiere, por tanto, que la educación continua puede constituirse como un espació que de manera colectiva brinde la construcción de nuevos conocimientos y requiere un ambiente de colaboración que incluya a la comunidad educativa.

Palabras clave: Tecnología. Práctica docente. Alfabetización.

INTRODUÇÃO

Neste artigo abordamos parte dos resultados da pesquisa que investigou a formação continuada para a apropriação das tecnologias de informação e comunicação (TICs) na prática de professoras alfabetizadoras que atuam na rede municipal de ensino de Corumbá, Mato Grosso do Sul, partindo da necessidade de focalizar as TICs em diferentes contextos de aprendizagem, considerando o contexto de uma sociedade em constante processo de inserção de novas tecnologias, conforme apontado por Barreto (2002) e Kenski (2012).

Para Kenski (2012), o termo 'novas' tecnologias é considerado variável, confundindo-se, em alguns casos, com o conceito de inovação. Em virtude da velocidade do desenvolvimento tecnológico atual, a autora considera difícil estabelecer o limite de tempo que devemos considerar para designar como 'novos' os conhecimentos e os instrumentos. O critério para identificação de novas tecnologias, nesse caso, pode ser visto pela natureza técnica e pelas estratégias de apropriação de uso de um determinado recurso.

Barreto (2002) assinala que as TICs não podem ser consideradas apenas como ícone de inclusão ou exclusão, sendo necessário compreendê-las em constante movimento de apropriação pelos indivíduos, como instrumentos de colaboração no processo educacional, capaz de demarcar o lugar dos sujeitos. Dessa maneira, refletir o espaço ocupado pelas TICs na escola é relevante na medida em que se problematiza o quanto a formação de professores precisa ser repensada. Para Pimenta (1999, p. 17) faz-se necessário pensar a formação como "[...] um processo contínuo de movimentação de saberes da prática, de saberes teóricos, de saberes pedagógicos". Além disso, a autora aponta a necessidade em "[...] mobilizar os conhecimentos teóricos e desenvolver a capacidade de investigar a própria atividade" (PIMENTA, 1999, p.18).

Os princípios das TICs auxiliam o entendimento de que podem se alinhar aos projetos de aprendizagem e às práticas pedagógicas desde que haja um gerenciamento adequado dos recursos informatizados, pois conforme alerta BEHRENS (2001, p. 104, grifo do autor):

> [...] os recursos da informática não são o fim da aprendizagem, mas são os meios que podem instigar novas metodologias que levem o aluno "aprender a aprender" com interesse, com criatividade, com

> autonomia. O professor não pode se furtar de articular projetos de aprendizagem que envolvam tecnologias, principalmente quando ela já está disponível nas suas instituições de ensino.

Dessa maneira é importante que o professor seja agente de mudança, mediador entre a informação e o conhecimento, bem como motivador do processo de ensino e de aprendizagem, e para isso é necessário que ele seja:

> [...] criativo, articulador e, principalmente, parceiro de seus alunos no processo de aprendizagem. Nesta visão o professor deve mudar o foco do ensinar para reproduzir conhecimento e passar a preocupar-se com o aprender e, em especial, o "aprender a aprender", abrindo caminhos coletivos de busca e investigação para a produção do seu conhecimento e do seu aluno (BEHRENS, 2001, p. 71 , grifo do autor).

Essa mudança de posicionamento do professor frente às novas tecnologias e às novas formas de ensinar e aprender perpassa pela formação docente que seja pautada nos anseios, em suas inseguranças diante das novas tecnologias, capaz de propiciar espaços formativos para uma mudança de pensamento e condução das práticas. Sob essa perspectiva Sampaio e Bonilla (2009) destacam que a formação de professores para o uso das TICs no processo educativo envolve uma prática pedagógica reflexiva que precisa considerar o contexto de trabalho desse profissional, pois, "[...] integrar a formação dos professores à realidade implica incorporar nessa formação o uso e a apropriação das TIC, a comunicação e a troca em rede, dinâmicas contemporâneas que potencializam a produção de conhecimento" (SAMPAIO; BONILLA, 2009, p.7).

Para Moran (2001, p. 30), no novo cenário educacional "[...] o professor, com o acesso às tecnologias, pode se tornar um orientador/gestor do processo de aprendizagem, integrando de forma equilibrada a orientação intelectual, a emocional e a gerencial". Passamos muito rapidamente do livro para a televisão e o vídeo e, destes, para o computador e a Internet, sem aprender e explorar todas as possibilidades de cada meio.

Behrens (1996) alerta acerca da importância de se considerar que esses recursos informatizados estão disponíveis, mas dependem de projetos educativos que levem à aprendizagem e que possibilitem o desenvolvimento do espírito crítico e de atividades criativas. O recurso por si só não garante a inovação, pois precisa de um projeto bem arquitetado, fomentado por professores e alunos. O computador, a lousa digital, outras tecnologias são artefatos que colaboram no processo de 'aprender a aprender', e todos nós estamos reaprendendo a conhecer; comunicar; ensinar; integrar o humano e o tecnológico; articular o individual, grupal e o social.

Considerando esses aspectos percebemos que ainda há muito a se fazer com relação aos processos educativos no contexto da sociedade da informação que busque conectar o ensino à vida dos alunos a partir de caminhos possíveis: pela experiência, imagem, som, representações, multimídias e interações. Kenski (2012) aponta que isso é possível quando os professores estão em constante formação, pois aprendem a lidar com a informação e os conhecimentos, buscando novas formas de ensinar.

Corroboramos com a autora quanto a questão da inserção das TICs no contexto escolar ao ressaltar que "[...] a diferença didática não está no uso ou não uso das novas tecnologias, mas na compreensão das suas possibilidades" (KENSKI, 1998, p. 70). Nessa direção é necessário aos professores:

> [...] oportunidades de familiarização com as novas tecnologias educativas, suas possibilidades e limites para que, na prática, façam escolhas conscientes sobre o uso das formas mais adequadas ao ensino de um determinado tipo de conhecimento, em um determinado nível de complexidade, para um

> grupo específico de alunos e no tempo disponível (KENSKI, 1998, p. 70).

O contato com esses estudos e autores nos inquietou de modo problematizar a inserção das TICs em contextos de práticas de alfabetização, buscando responder a seguinte questão central: qual a visão e posicionamento de professores alfabetizadores em relação a formação continuada para a apropriação das TICs para o ensino da leitura e da escrita?

Dessa maneira, nesse artigo apresentamos o percurso metodológico da pesquisa, para em seguida tecermos as nossas discussões a partir dos resultados relativos aos limites e perspectivas da formação continuada para a apropriação das TICs, bem como a inserção na prática pedagógica das professoras alfabetizadoras. Com a realização desse estudo buscamos ampliar o debate acerca da apropriação das TICs pelos professores alfabetizadores desvelando, assim a necessidade de ações pontuais de formação contínua, considerando a imersão dos alunos na cultura escrita digital em nossa sociedade.

DELINEAMENTO METODOLÓGICO

A pesquisa realizada ancorou-se na abordagem qualitativa por proporcionar, conforme Teixeira (2006), o contato direto na relação entre os sujeitos da pesquisa e o pesquisador. Para a produção dos dados utilizamos a entrevista com um roteiro semiestruturado organizado em duas partes: a primeira com questões fechadas para a caracterização dos participantes e, a segunda com perguntas abertas, permitindo a reflexão e exposição dos conhecimentos e posicionamento sobre o tema investigado, bem como a liberdade para expor a formação, experiência profissional e expectativas. Nesse sentido, conforme aponta Gil (1999), a entrevista permite conhecer a opinião dos sujeitos, proporcionando uma série de vantagens, pois:

> [...] é uma técnica em que o investigador se apresenta frente ao investigado com o objetivo de obtenção de dados que interessam à investigação, sendo considerada uma forma de interação social ou um diálogo assimétrico em que uma das partes busca coletar dados e a outra se apresenta como fonte de informação (GIL, 1999, p. 117).

Participaram desse estudo quatro professoras alfabetizadoras de 1º ou 2º ano dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental selecionadas a partir dos seguintes critérios: tempo de atuação na docência a partir de cinco anos; participação em ações de formação continuada; vínculo efetivo no quadro de docentes da rede municipal de Corumbá-MS; atuação em escolas que possuem Salas de Tecnologias (STE), bem como aceitação em participar da pesquisa. Para complemento também realizamos entrevista com os professores da STE de cada escola e com a Coordenação do Núcleo de Tecnologia de Corumbá (NTEC) para conhecer mais de perto a formação, seus objetivos e como essas salas funcionam.

A partir dos critérios estabelecidos realizamos uma reunião com o gerente de planejamento educacional juntamente a coordenação do NTEC, os quais forneceram uma relação de escolas que foram contempladas com as STE pelo Ministério da Educação (MEC). A partir dessa relação selecionamos duas escolas, sendo uma na área periférica e outra na área central de Corumbá, a fim de investigarmos realidades distintas.

Em atendimento ao Código de Ética de Pesquisa com Seres Humanos, os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), conforme a aprovação do Comitê de Ética. Dessa maneira, tanto o nome das escolas quanto dos sujeitos, aqui apresentado é fictício, a fim de preservar o anonimato.

A ‘Escola Tecnologia’, situada em um bairro periférico de Corumbá tem seu funcionamento em tempo integral, e a estrutura da STE é ampla, climatizada, com mesas e cadeiras em ótimo estado de conservação. Possui os seguintes equipamentos tecnológicos: 14 computadores, todos com acesso à internet; máquina fotográfica digital; aparelho de som; TV e DVD; um computador interativo (projetor multimídia). Destacamos que este computador interativo, concebido e desenvolvido pelas universidades federais de Santa Catarina e de Pernambuco, diferencia-se por facilitar a interatividade, devido ao fato de ser um dispositivo leve e portátil, podendo ser levado

pelos professores para as salas de aula. O equipamento é interligado aos laboratórios do Programa de Informática Educativa (ProInfo) e contém teclado, mouse, portas USB, porta para rede*wireless* e rede PLC, unidade leitora de DVD e um projetor multimídia. O dispositivo permite apresentar conteúdos digitais armazenados no servidor da escola, além de um sistema operacional com código-fonte aberto. Ele pode ainda operar como uma lousa digital, transformando a superfície de projeção em um quadro interativo.

A STE possui um blog no qual o professor responsável pela sala disponibiliza ideias aos professores de como trabalhar com as TICs em sua prática. O blog oferece vários *links* de atividades para todos os anos do Ensino Fundamental e também é nesse espaço que são divulgados os projetos desenvolvidos pelos professores junto aos alunos.

Por ser uma escola que atua na modalidade de tempo integral na qual os alunos passam boa parte do tempo do seu dia no espaço escolar, a STE é muito utilizada pelos professores, e muitos projetos são realizados utilizando recursos tecnológicos. Para utilizar a sala é solicitado ao professor regente a apresentação de um plano de aula discriminando os objetivos e as ferramentas tecnológicas a serem utilizadas. O NTEC acompanha essas solicitações com a finalidade de analisar e organizar cursos para que os professores se apropriem cada vez mais das TICs em seu dia a dia na escola.

A 'Escola Comunicação', localizada na área central de Corumbá tem seu funcionamento em três turnos, sendo no matutino e vespertino a Educação Infantil (Pré-escola) e os Anos Iniciais do Ensino Fundamental e no período noturno funcionam os Anos Finais do Ensino Fundamental. A STE possui estrutura espaçosa, climatizada, porém antiga, apresentando alguns problemas na instalação elétrica. Há mesas e cadeiras em bom estado de conservação e os seguintes equipamentos tecnológicos: 15 computadores, todos com acesso à internet, um computador interativo (projetor multimídia), aparelho de som, TV e DVD.

Assim como na outra escola, para um acompanhamento pedagógico, é solicitado ao professor regente que for utilizar a STE, a apresentação de um plano de aula. Nessa escola, a participação dos professores na STE é maior nos Anos Finais do Ensino Fundamental. Para um diagnóstico preciso das disciplinas e/ou turmas que mais utilizam as tecnologias como artefatos facilitadores no processo de ensino aprendizagem dos alunos, o NTEC faz uma análise a partir das informações repassadas por meio do professor da STE e atua com intervenções pedagógicas e formações específicas os professores que possuem dificuldade na utilização das TICs.

Seguindo os critérios mencionados anteriormente selecionamos as professoras aqui identificadas com nomes fictícios Tania e Ivana da 'Escola Tecnologia' e as professoras Telma e Isa da 'Escola Comunicação'. O professor responsável pela STE da 'Escola Tecnologia' é denominado como Carlos e o da 'Escola Comunicação', César. A Coordenadora do NTEC é identificada como Sara.

Conhecer o perfil dos participantes é importante, pois permite articular a formação e experiência do seu dia a dia, dando significado e sustentação às análises dos depoimentos. Dessa maneira, a seguir apresentamos as professoras alfabetizadoras, os professores responsáveis pela STE e a coordenadora do NTEC.

Das professoras da 'Escola Tecnologia', Tania é formada em Pedagogia e está no exercício da docência nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental há 12 anos como efetiva na mesma escola. No momento da entrevista estava atuando em uma turma de 1º ano. É uma professora jovem e relatou que ao longo de seu percurso profissional procura atualizar seus conhecimentos para "não ficar parada no tempo. A professora Ivana também é formada em Pedagogia e há cinco anos vem atuando nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Nessa escola atua em uma turma de 2º ano e informou que participa dos cursos que são oferecidos, buscando sempre se atualizar por considerar seu tempo de atuação como pouca experiência.

Na 'Escola Comunicação', a professora Telma é formada em Pedagogia e possui especialização em Psicopedagogia, tem nove anos de experiência nos Anos Iniciais e atua em uma turma de 2º ano. Ela informou que vê os recursos tecnológicos como um grande aliado no processo de alfabetização dos seus alunos. A professora Isa também possui formação em Pedagogia, tendo 10 anos de experiência nos Anos Iniciais e na Educação Infantil e também atua em uma turma de 2º ano. Informou que fez os cursos oferecidos pelo ProInfo e participa de ações de formação continuada e que utiliza muito

as tecnologias para preparar as suas aulas e vê a internet como um apoio muito grande.

Quanto aos professores responsáveis pelas STE, na 'Escola Tecnologia' o professor Carlos é formado em Matemática e Ciências Econômicas e possui especialização em docência na formação tecnológica. Atua como professor da STE há cinco anos, oferecendo suporte tanto tecnológico quanto pedagógico aos professores da escola. Ele relatou que acredita que as tecnologias aplicadas à educação proporcionam um fortalecimento no aprendizado dos alunos. Na 'Escola Comunicação' o professor Cesar também é formado em Matemática, possui 10 anos de experiência em salas de tecnologia em escolas das redes públicas e particulares de ensino de Corumbá. Ele relatou que hoje as informações estão cada vez mais rápidas e o maior auxílio ao acesso a essas informações se dá por meio das TICs.

A coordenadora do NTEC, identificada nesta pesquisa como Sara, atua na coordenação há quatro anos e possui 16 anos de experiência em sala de aula. Graduada em Biologia, informou que sempre foi referência de professora que trabalha com as TICs em suas aulas de Ciências e acredita que devido a isto é que foi indicada para assumir o referido cargo.

Os dados produzidos por meio da realização das entrevistas foram transcritos e sistematizados em dois eixos de análise: (i) limites e perspectivas da formação continuada para a apropriação das TICs e (ii) inserção das TICs na prática pedagógica das professoras alfabetizadoras. Os eixos foram analisados buscando as recorrências e singularidades nos depoimentos dos sujeitos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com relação ao eixo (i) limites e perspectivas da formação continuada para a apropriação das TICs, o nosso olhar centrou-se na percepção das professoras quanto a participação em cursos de formação continuada e na contribuição das formações recebidas pelo NTEC para a sua prática docente como alfabetizadoras.

Com relação aos cursos de formação continuada realizados, a análise nos permite inferir que, para duas professoras, os cursos oferecidos serviram de suporte para terem mais segurança na utilização das tecnologias, principalmente na utilização do computador. Com essa afirmação, conseguimos identificar pelo depoimento das entrevistadas que a formação presencial tem uma maior participação do que a que a formação à distância, onde essa para muitos ainda é uma barreira. A professora Tânia, da Escola Tecnologia, admitiu não ter terminado nenhum curso oferecido pelo ProInfo, porém, informou que participou dos cursos ofertados pelo NTEC de maneira presencial e concluiu todos. Diante desse relato de não participação dos cursos oferecidos pelo ProInfo, a coordenadora do NTEC apresentou alguns motivos que podem ter contribuído para essa não participação total de todas as professoras. Segundo a coordenadora,

> Os cursos são excelentes, porém não há inovação, já há dois anos são ofertados os mesmos cursos, os professores sentem a necessidade de cursos voltados para sua realidade e em um ambiente que possam interagir com outros colegas. (Sara - coordenadora do NTEC. Entrevista).

Os cursos do ProInfo foram oferecidos com objetivos voltados ao aperfeiçoamento tecnológico e inserção das TICs nos processos de aprendizagem, porém, cabem aos cursos de formação continuada adaptá-los à realidade de cada escola, de cada professor e de cada aluno, de forma coletiva com toda a comunidade escolar. Os cursos de formação continuada, conforme alerta Imbernón (2006), precisam propiciar uma formação na qual o professor seja o sujeito de sua própria formação, pois:

> Trata-se de formar um professor como um profissional prático-reflexivo que se defronta com situações de incerteza,
> contextualizadas e únicas, que recorre à investigação como forma de decidir e de intervir praticamente em tais situações, que faz emergir novos discursos teóricos e concepções alternativas de formação (IMBERNÓN, 2006, p. 39).

Para o autor, a formação continuada precisa se constituir como espaço de criação, de

pesquisa, que possibilite ao professor inovar, reconstruir, imaginar, se formar de maneira colaborativa em espaços onde possam discutir sobre suas práticas (IMBERNÓN, 2010). As tecnologias como foco de formação podem se constituir como apoio para os professores dialogarem, transformando esses espaços não apenas em atualizações, mas que propicia reflexões. Nesse processo de adaptação, as falhas e limitações talvez sejam inerentes à própria natureza dos cursos, visto que dispõem de um tempo para formar um profissional que necessita de formação permanente, pois este está permanentemente se deparando com os desafios cotidianos próprios da relação pedagógica que tem com seus alunos.

Segundo Silva (1992), em uma época marcada por intensas inovações, descobertas científicas, fluxo constante de informações, a formação de professores, eminentemente contínua é um processo que não pode ter fim. A autora afirma que: "[...] sem constante revitalização a escola corre o risco de ficar fora do seu tempo" (SILVA, 1992, p. 62). Diante dessas preocupações, um ponto positivo apresentado pela maioria das professoras foi acerca das contribuições dos colegas nos cursos de formação. Acreditam que a troca de experiências é fundamental para uma formação colaborativa. Segundo a professora Telma,

> Considero que o ponto alto de todos os cursos e formações que participei foi a vivência com meus colegas. A gente trocava ideias por e-mails, chats de bate-papos... Aprendi muito com isso, com a prática de um e de outro. (Professora Telma- Escola Comunicação. Entrevista).

A troca de ideias descrita pela professora nos permite analisar que a formação continuada de professores, enquanto instrumento de formação, conforme destaca Imbernón (2010), ajuda a romper com o individualismo do professor, levando-o a se formar de maneira coletiva, pautada em diálogos, debates, consensos e compartilhamentos em formas de ensinar e aprender. Para o autor, "[...] a formação move-se sempre entre a dialética de aprender e desaprender" (IMBERNÓN, 2010, p. 95). Dentro desse processo dialógico é que acreditamos nas novas formas de ensinar e aprender, nas TICs como instrumentos que possibilitem ao professor propostas de mudanças em sua prática. Para Paniago (2012, p. 338):

> As novas possibilidades de ensinar e aprender, tanto no contexto presencial como no contexto à distância, não estão relacionadas exclusivamente ao uso das tecnologias de informação e comunicação, mas às posturas assumidas diante delas, às práticas pedagógicas, às relações interpessoais com foco em processos colaborativos, reflexivos e interativos e aos novos ritmos e dimensões nos papéis do professor e do aluno.

Nesse contexto, os programas de formação continuada precisam dar subsídios para que o professor assuma essa nova postura. Para as professoras entrevistadas, a relação dos cursos oferecidos pelos programas de formação com a sua prática pedagógica é muito positiva, possibilitando novas formas e maneiras de levar o aluno a construir seu conhecimento, formas mais lúdicas e participativas. Contudo, todas destacaram que nos cursos dos quais participaram não há um direcionamento para a utilização das TICs na alfabetização. Elas consideram que essa formação precisa ser voltada para o professor alfabetizador, assim produziriam melhores resultados e a participação seria maior. Argumenta a professora Isa que,

> Os cursos que participei são todos voltados para a prática pedagógica, mas não há direcionamento específico para o alfabetizador. (Professora Isa – Escola Comunicação. Entrevista).

Quando perguntado às professoras se outros programas como Pró-Letramento e PNAIC, também foram oferecidos no município, abordaram a utilização das TICs na alfabetização, todas elas responderam que não há essa relação de maneira específica com a alfabetização, considerando uma falha, pois acreditam que dentro desses programas poderiam trabalhar questões sobre as tecnologias e a inserção delas

na prática pedagógica. As professoras consideram necessário dispor de mais tempo para aprender a lidar com as tecnologias em sua prática, e também de disposição para esse aprendizado. Segundo a professora Ivana:

> Os programas oferecidos pelo município como o PNAIC e/ou o Pró-Letramento poderiam criar módulos específicos para abordar e trabalhar com a gente as formas de utilizar as TICs na alfabetização; seria ótimo. (Professora Ivana – Escola Tecnologia. Entrevista).

É preciso refletir e levar em consideração aspectos levantados pelas professoras nas quais relatam que a formação continuada depende das condições de trabalho, de políticas de formação continuada que sejam concretizadas em um programa construído por diferentes projetos desenvolvidos pela Secretaria de Educação e escolas e que também seja articulado ao desenvolvimento do projeto pedagógico de cada escola. Com relação a essa visão de formação continuada, Nóvoa (1991, p. 30) já ressaltava que deveria " [...] estar articulada como desempenho profissional dos professores, tomando as escolas como lugares de referência. Trata-se de um objetivo que só adquire credibilidade se os programas de formação se estruturar em torno de problemas e de projetos de ação e não em torno de conteúdos acadêmicos".

Os programas de formação continuada voltados para a apropriação das TICs pelo professor em sua prática também necessitam ser pautados em projetos e propostas que sejam significativos para o professor. Discutindo a inserção das TICs na educação e na prática do professor, acreditamos que é preciso que o professor molde as tecnologias a seu favor e não serem moldados por elas. Este é o grande desafio da era digital na qual vivemos.

Apesar de terem destacado que os cursos de formação continuada para a utilização das tecnologias no processo de ensino aprendizagem, oferecidos pela Secretaria Municipal de Educação, por meio do NTEC, são muito importantes para a sua prática docente, duas professoras admitiram não terem participado de muitas formações. Segundo a coordenadora do NTEC:

> [...] mesmo com todas as estratégias de envolvimento e motivação avalio a participação muito baixa [...]. Hoje a tecnologia está na vida do aluno, mas ainda não está na vida e rotina do professor [...]. (Sara- Coordenadora NTEC. Entrevista).

Para a coordenadora, muitas escolas e professores já perceberam que o melhor caminho na busca de um ensino de qualidade passa também pelas tecnologias, destacando que:

> Temos que avançar muito ainda. Quem ganha com isso é o aluno, o professor, na verdade todos nós envolvidos na educação. A tecnologia de comunicação e informação inova a escola, o professor, as formas de aprender e de ensinar. É nisso que acreditamos. (Sara- Coordenadora NTEC. Entrevista).

Mesmo com avanços nos programas de formação continuada, foi possível verificar que há grande dificuldade na integração com a inovação das tecnologias na prática do professor, pois as professoras não conseguem ainda fazer essa integração de maneira natural como seus alunos o fazem. Para Marcelo Garcia (2013, p. 30), "[...] la innovación necesita de inovadores". Concordamos com o autor ao ressaltar que, para haver integração, é necessário que o professor esteja realmente convencido de que as tecnologias fazem diferença no ensino e na aprendizagem de seus alunos, e, diante dessa constatação o professor precisa ser adaptável e flexível.

Quando questionamos sobre a formação continuada e as possibilidades de inserção das TICs na prática das professoras alfabetizadoras, acreditamos que a inovação se dá quando há inovadores dispostos a enfrentar desafios no processo de ensinar e aprender. Nas entrevistas, verificamos que uma professora acredita que se pode alfabetizar por meio das TICs, em contraponto outra afirma que não. Na visão da

professora Tania, o professor precisa estar harmonizado com as tecnologias:

> Dentro das tecnologias de comunicação e informação, há excelentes ferramentas disponíveis para ajudar na alfabetização do aluno, desde que o professor possa se formar como pessoa que queira aprender a utilizar os saberes adquiridos dentro desse universo tecnológico. Para que haja esse entendimento é preciso que o professor tenha formação constante. Nós precisamos ter espaços para formação em todas as áreas, não deixando de lado as tecnologias. A inovação precisa fazer parte de todo processo de formação. (Professora Tania- Escola Tecnologia. Entrevista).

Para a professora Isa, mesmo considerando importantes as discussões nos programas de formação continuada, não acredita que as tecnologias possam ser um diferencial na alfabetização. Para ela:

> Considero a formação continuada importante, as experiências compartilhadas nos grupos de formação são muito importantes para o meu crescimento pessoal e profissional. Mas, em relação às tecnologias não consigo relacioná-las com a minha prática docente, sinto muita dificuldade em inovar para alfabetizar. (Professora Isa - Escola Comunicação. Entrevista).

A análise dos depoimentos das duas professoras alfabetizadoras nos remeteu à seguinte reflexão: qual o papel das escolas dessas professoras em seu processo de formação continuada? Como são trabalhados os programas de formação dentro do espaço escolar? As professoras têm voz ativa nessas formações?

Com relação à contribuição dos cursos oferecidos nos programas de formação continuada, promovidos pelo NTEC para a inserção das TICs no processo de aprendizagem e também para a apropriação na prática docente das professoras, a maioria apontou como vantajosos e que contribuem para a sua prática. Para a Ivana:

> Os cursos são muito importantes, eles me dão força para realmente mudar a forma de alfabetizar, me ajuda a sair do modo tradicional e me dá possibilidade de introduzir formas novas de ensinar, que seja lúdica e interessante para meus alunos. Nas formações a gente percebe que tem muitas outras formas de trabalhar com nossos alunos [...]. (Professora Ivana – Escola Tecnologia. Entrevista).

As análises permitiram evidenciar que os cursos de formação contribuíram para a reflexão das professoras na busca de soluções para aprimorarem sua prática na sala de aula. Concordamos com Sambugari e Arruda (2011), ao afirmarem que os programas de formação continuada necessitam levar o professor a compreender e refletir sobre sua prática e a realidade que ele está inserido. Para as autoras, a formação continuada:

> [...] não pode ser compreendida a partir de exigências ou necessidades de progressão profissional, nem tampouco por interesses de uma equipe técnica. Faz-se necessário que a formação continuada seja pautada no dia a dia dos professores e alunos, com momentos significativos e marcantes, propiciando, assim, oportunidades de aprendizagem, bem como espaços de constituição de relações entre as pessoas que intervêm nessas aprendizagens

> (SAMBUGARI; ARRUDA, 2011, p. 132).

As análises acerca da apropriação das TICs na prática pedagógica pelas professoras alfabetizadoras apontam que os cursos propostos conseguem levar os professores a utilizarem as TICs disponíveis em suas escolas, no entanto, muitos não os fazem por esbarrarem em questões que envolvem administração e políticas públicas, como também a falta de novos investimentos nos recursos tecnológicos, apontados pela professora Tania, e as questões relacionadas à jornada de trabalho, destacadas pelo professor Cesar da STE:

> Sinto falta de uma melhora nos equipamentos tecnológicos. Porque não só a STE deve ser um espaço para se trabalhar com as TICs, às vezes, quero assistir um vídeo com meus alunos, e a STE está ocupada, a escola não tem outros aparatos tecnológicos disponíveis em outros locais. Isso atrapalha. (Professora Tania- Escola Tecnologia. Entrevista).

> Acredito que a falta de apropriação das TICs pelos professores em sua prática se esbarra no entrave de horários e jornadas de trabalho [...]. (Professor Cesar – STE da Escola Comunicação. Entrevista).

Em seus estudos sobre as representações dos coordenadores pedagógicos acerca da formação continuada, Fusari (1998) tece algumas discussões pontuais quanto à qualidade da formação continuada, tais como: a jornada de trabalho dos professores; a realização de atividades de formação na própria escola e fora dela; a possibilidade de um trabalho coletivo de forma a repensar o trabalho da instituição e de seus projetos, por meio de grupos de estudo e ciclos de palestras; buscar promover um processo de formação em espaços diversificados de formação; promover a avaliação de suas atividades e dos colegas; conscientizar diretores e coordenadores pedagógicos sobre a importância da formação continuada para o desenvolvimento profissional dos professores.

Nessa direção, compreendemos que a formação continuada depende, sim das condições de trabalho dos professores, mas também do posicionamento assumido por eles em relação ao seu desenvolvimento profissional, cabendo-lhes a direção, percepção e decisão do caminho que vão percorrer. Acreditamos que nenhuma intervenção pedagógica harmonizada com a modernidade será eficaz sem a colaboração consciente do professor e sua participação na promoção da emancipação social. Nesse sentido, concordamos com Nóvoa (2010) ao assinalar que não há educação de qualidade, sem uma adequada formação de professores.

Com relação ao eixo (ii) inserção das TICs na prática pedagógica das professoras alfabetizadoras, agrupamos e analisamos os dados relativos quanto a utilização, ou não, das TICs pelas professoras alfabetizadoras, buscando verificar de que maneira é possível ensinar a ler e a escrever por meio do uso das TICs. De acordo com as análises das entrevistas, é perceptível como as TICs e, principalmente, as novas tecnologias (internet e computadores) fazem parte do cotidiano e da vida dos alunos dentro e fora do ambiente escolar, bem como do dia a dia de todos os professores em se tratando das questões de utilização das TICs para o planejamento de suas aulas. A professora Telma trabalha desde vídeos, músicas, fotografias e até o uso de jogos interativos com seus alunos no processo de alfabetização. Para ela:

> As tecnologias é um aliado para nós professores, além de ser suporte para preparar minhas aulas, utilizo muitos recursos tecnológicos nos projetos que desenvolvo com meus alunos. (Professora Telma - Escola da Comunicação. Entrevista).

Em se tratando da forma como as professoras utilizam as TICs, concordamos com Behrens (2001), ao afirmar que não basta apenas ter acesso a esses recursos tecnológicos; sobretudo, é preciso saber utilizá-los. O professor precisa ter em mente que recurso será mais apropriado em determinando momento da aprendizagem, estabelecendo alguns critérios ou escolhas que viabilizem o uso desses recursos para que seja produtiva essa relação. Espera-se

que o professor contemple o uso das tecnologias em seu planejamento, explorando-as de forma sábia e funcional.

Freitas (2009, p. 70) também ressalta que não basta oferecer aos professores cursos de informática instrumental, uma vez que somente capacitar professores com esse objetivo "[...] não é suficiente se não há uma discussão maior sobre o que se altera na aprendizagem com o uso dessas tecnologias".

Professor e aluno dentro do processo de apropriação das TICs na alfabetização passam a ser parceiros de um mesmo processo de construção e aprofundamento do conhecimento. Todas as professoras alfabetizadoras entrevistadas afirmam que, quando conseguem integrar alguma tecnologia em sua forma de alfabetizar, a motivação dos alunos, a participação, o interesse e o aprendizado destes crescem de maneira significativa. Afirma a professora Ivana:

> Há um interesse natural das crianças nessa faixa etária pelas tecnologias, e devido a esse interesse, quando nós professores trabalhamos de forma diferenciada utilizando as TICs. A participação nas aulas é muito maior. Eles perguntam mais, realizam atividades com maior entusiasmo e isso contagia a gente. (Professora Ivana- Escola da Tecnologia. Entrevista).

Analisando a afirmação da professora Ivana, não conseguimos ficar indiferentes com a seguinte questão: se é notável o interesse dos alunos e também da melhoria de seu aprendizado quando as professoras integram as TICs e o processo de alfabetização, por que ainda não são utilizadas intensamente?

Para que o professor consiga integrar as TICs em sua prática docente na alfabetização de seus alunos, acreditamos ser de extrema importância um planejamento antecipado. Não basta a instituição escolar oferecer condições materiais e suporte técnico aos professores, faz-se necessário a proposição de ações de formação continuada no contexto dessas novas relações de ensino e de aprendizagem, pois são nesses espaços de formação que os professores fazem releituras das experiências e das aprendizagens vividas.

Em sua maioria, as professoras alfabetizadoras aqui pesquisadas acreditam que as TICs contribuem muito no processo de alfabetização de seus alunos. Para a professora Tania:

> As TICs contribuem muito no processo de alfabetização dos meus alunos, eles têm uma necessidade enorme de novidades, de interação [...] A minha turma desse ano, tem muitos alunos imaturos ainda, que estão na escola pelo primeiro ano, quando utilizo algum recurso tecnológico, a participação deles é muito maior, tenho um retorno muito positivo. Eles assimilam o conteúdo com maior facilidade e rapidez. (Professora Tania- Escola Tecnologia. Entrevista).

Levar o aluno a utilizar as TICs fora da sala de aula, fazer com que ele aprenda com o computador, em vídeos, histórias, seja significativo e associado à sua vida cotidiana, são objetivos que as tecnologias, por si só não se podem alcançar. Esse é o papel insubstituível do professor: elaborar estratégias que deem significado a essa enorme e fantástica porta que se abre para o universo do conhecimento da humanidade. Nessa visão, a professora Ivana afirma:

> Eu sempre acreditei em alfabetizar de forma lúdica. Trabalhei quatro anos em uma escola onde eu não conseguia sair da forma tradicional de alfabetizar, devido a vários fatores. Na escola atual, em conversa com a diretora, disse da minha vontade de trabalhar de forma diferenciada, lúdica e utilizando as tecnologias porque acredito ser mais significativa e interessante para os alunos. O trabalho está dando certo, trabalho com projetos de teatro, literatura de cordel, e as

> tecnologias, principalmente o computador e a internet, me dão suporte para o desenvolvimento desses projetos. Muitos alunos conhecem o mundo dentro da própria escola através de projetos que desenvolvemos. (Professora Ivana - Escola da Tecnologia – Entrevista).

Sobre essa nova forma de ensinar e aprender, Kenski (2012) salienta que a relação entre professor e aluno pode ser completamente alterada pelas TICs; as formas novas de se trabalhar é fator transformador nessa relação. Na resolução de um problema, na realização de um projeto, nas atividades de alfabetização, o professor e o aluno se tornam aprendizes.

Como já apresentado anteriormente, as escolas nas quais atuam as professoras alfabetizadoras entrevistadas contam com a presença de um professor que atua na STE como suporte pedagógico e técnico, porém, é de responsabilidade de cada uma, como já elucidado, a inserção, ou não, das TICs no processo de alfabetização de seus alunos. É nesta perspectiva que acreditamos que deva ser conduzido o processo de utilização das TICs na educação. A presença do professor da STE traz segurança para as professoras entrevistadas, pois ao serem indagadas acerca da relação que elas têm com o professor da STE, as professoras mencionaram que é de extrema importância a presença deste no trabalho da inserção das TICs no processo de aprendizagem. Na visão de todas as professoras, o professor da STE é um grande aliado para elas e todas têm uma relação muito boa com ele. O apoio tecnológico que esse professor oferece foi mencionado pelas professoras Tania e Isa:

> Ele nos dá um apoio tecnológico, quando preciso, por exemplo, utilizar os computadores com as crianças, ele facilita o acesso, deixa tudo engatilhado para que possamos utilizar com mais rapidez os equipamentos. Quando quero utilizar algum vídeo, o professor já o disponibiliza na sala para nós, deixa tudo funcionando. Trabalhamos em equipe, e isso reflete na aprendizagem dos alunos. (Professora Tania - Escola da Tecnologia. Entrevista).

> Tenho uma relação muito boa com o professor da STE, tudo que preciso de suporte as questões técnicas ele me ajuda. Por exemplo: quando a escola recebeu do governo a lousa digital, antes do núcleo fazer uma formação, o professor da STE já nos apresentou o recurso. Ele está sempre à disposição. É um facilitador para nós. (Professora Isa - Escola da Comunicação. Entrevista).

Diante desses depoimentos, a análise nos permite inferir que ainda há insegurança nas professoras quanto à utilização de recursos tecnológicos. Ao percebermos um posicionamento divergente apresentado pelas professoras durante a entrevista, fizemos a elas o seguinte questionamento: "[...] se na escola que você trabalha não tivesse a presença do professor da STE, como você trabalharia com as TICs?" Duas professoras responderam que sentiriam mais dificuldade em utilizar as TICs na sua prática, e atribuíram essa dificuldade principalmente nas lacunas deixadas na formação inicial, uma vez que não tiveram nenhuma disciplina que discutiu sobre as TICs como auxílio em suas práticas docentes. Segundo a professora Ivana:

> No curso de graduação, nunca foram abordadas questões voltadas para as tecnologias e a educação, não é inserido formação para nos dar suporte quando nos formamos. A cobrança na escola é grande, mas não somos formados para trabalhar com essas inovações. Se não tivesse formações continuadas e a presença do professor, eu não conseguiria trabalhar

> como trabalho hoje com meus alunos. (Professora Ivana - Escola da Tecnologia. Entrevista).

De acordo com Ponte (2002), as TICs devem estar presentes na formação inicial de professores e a formação vai muito além de simples domínio instrumental das TICs. Para isso, "[...] elas devem ser enquadradas por uma pedagogia que valorize, sobretudo, a pessoa que aprende e os seus projectos, debatendo as grandes questões, promovendo permanentemente uma atitude crítica" (PONTE, 2002, p. 22).

Para Sampaio e Leite (1999, p. 66-67), "[...] realizar este empreendimento pedagógico, ou seja, vivenciar novas formas de ensinar e aprender incorporando as tecnologias requer cuidado com a formação inicial e continuada do professor". Apesar da formação inicial não ser o foco desse estudo, não poderíamos deixar de relatar e constatar que é necessária uma revisão curricular nos cursos de formação de professores, para que integrem as tecnologias na formação de futuros docentes. A autora ressalta ainda que:

> Os futuros professores devem ser capazes de tirar partido das TIC no planeamento e na realização de situações de ensino-aprendizagem, integrando-as numa perspectiva curricular coerente. As TIC devem ter um papel importante na prática pedagógica, cabendo à instituição de formação um papel importante no apoio às escolas cooperantes e na formação dos seus docentes para que constituem exemplos de boas práticas em todos os campos, incluindo o uso das TIC (PONTE, 2002, p. 23).

Para que haja a apropriação das TICs na prática pedagógica dos professores, tanto a formação inicial quanto a continuada precisam ter o professor como sujeito principal na formação, criando espaços de integração com as tecnologias e de interação com os colegas, a fim de se formarem de maneira colaborativa. É necessário que seja propiciado ao professor uma formação que o leve a aprender a atuar pedagogicamente de forma dinâmica e desafiadora com as novas tecnologias. Nóvoa (2010, s/p) aponta que:

> As tecnologias são muito importantes e têm contribuído para algumas mudanças no ensino e na aprendizagem. Mas elas, por si só, não alterarão o nosso modelo de escola. Se perdermos o sentido humano da educação, perdemos tudo. Só um ser humano consegue educar outro ser humano. Por isso tenho insistido na importância das dimensões pessoais no exercício da profissão docente. Precisamos de professores interessantes e interessados. Precisamos de inspiradores, e não de repetidores. Pessoas que tenham vida, coisas para dizer, exemplos para dar. Educar é contar uma história, e inscrever cada criança, cada jovem, nessa história. É fazer uma viagem pela cultura, pelo conhecimento, pela criação.

Concordamos com Kenski (2007) ao afirmar que a atual sociedade implica mudanças na educação que se caracterizam pela alteração nos papéis dos professores e das escolas, bem como nas condições e oportunidades de ensino; ampliação das possibilidades de aprendizagem em tempos e espaços diferenciados; envolvimento de todos para a construção da produção individual e coletiva dos conhecimentos.

Para que novas formas de aprendizagens com a utilização das TICs sejam incentivadas dentro da comunidade escolar, a autora destaca que é importante levar os professores e todos os envolvidos a acreditarem que eles podem criar ambientes que estimulem a interatividade entre os alunos, a capacidade de formular e resolver problemas, que são pontes que levam os seus alunos a buscarem informações contextualizadas e associadas às novas dinâmicas sociais de

aprendizagem. Em se tratando das TICs, há necessidade de encontrarmos novas formas de superar o modelo pedagógico vigente, no qual ainda prevalece o pensamento linear e reducionista, predominando o instrucionismo e a subserviência de professores e alunos a propostas vindas de fora para dentro da escola (KENSKI, 2007).

A análise acerca do uso das TICs na prática pedagógica das professoras alfabetizadoras evidencia, portanto, que a formação continuada é condição importante para a releitura das experiências e das aprendizagens e que tal formação só se torna essencial se estiver integrada ao cotidiano dos professores e das escolas, considerando a escola como lócus da ação, o currículo como espaço de intervenção e o ensino como tarefa essencial.

CONCLUSÕES

O foco do estudo aqui apresentado centrou-se na visão de professoras alfabetizadoras sobre a formação continuada para a apropriação das TICs em sua prática pedagógica, buscando desvelar o quanto a escola é relevante no contexto em que vivemos influenciados pelas tecnologias, seja para o fornecimento dos meios já existentes, ou para a qualificação de outros. Por mais que a educação se transforme com o uso das TICs e com novas formas e metodologias de ensinar e aprender, são os professores que efetivam a utilização, ou não, dessas ferramentas. Logo, entendemos que a ação pedagógica é redimensionada, passando o professor a ser mediador e orientador na interação dos sujeitos no processo de ensino e de aprendizagem.

Os resultados da pesquisa apontam que, apesar do posicionamento das professoras ser positivo frente às formações continuadas por elas participadas, também é pontuada a necessidade dos programas abordarem não apenas de maneira geral o uso das TICs, mas de forma que contemple as especificidades do professor alfabetizador. Isso nos permite inferir de que de que a formação continuada precisa partir das necessidades dos professores, ainda que esbarre em muitos obstáculos, tais como: lacunas da formação inicial, incompatibilidade de horários, despreparo de formadores, falta de objetivos comuns e muitos outros entraves. A formação continuada requer um clima de colaboração, onde o envolvimento de toda a comunidade escolar é fundamental (IMBERNÓN, 2010).

Somos sabedores de que o “novo” suscita muitos questionamentos e curiosidades. Percebemos que muitos professores, tentando apropriar-se de diversas maneiras para utilizar as TICs em sua prática, esbarram no “novo”, e por ali, muitas vezes ficam sem conseguir trilhar novos caminhos. A formação continuada, nesse momento, pode fazer toda a diferença. O modo como o professor apropria-se das TICs em sua prática, muitas vezes é tido como um problema a ser resolvido dentro de um ambiente compartilhado de formação. Como afirma Imbernón (2010, p. 57), “[...] a formação sobre situações problemáticas no contexto em que se produzem permite compartilhar evidências e informação e buscar soluções”.

A inserção das TICs na educação, no processo de ensino-aprendizagem é algo complexo e muito debatido. Essa complexidade é retratada e comprovada nas entrevistas com as professoras quando afirmam as constantes transformações nas formas de ensinar e aprender. Nesse sentido, acreditamos que a formação continuada de professores é um espaço que pode contribuir para essas discussões, no entanto, não é recomendável depositar nela toda a expectativa na mudança de postura do professor, uma vez que, muitos ainda encontram-se enraizados nas posturas tradicionais. Por isso, faz-se necessário uma mudança no direcionamento da formação inicial e continuada, que contemple os desafios da sociedade moderna.

O professor pode utilizar a tecnologia para perpetuar práticas pedagógicas baseadas no paradigma tradicional, que não propiciam a construção de conhecimentos, pois apenas conhecer as tecnologias não leva a um processo inovador de aprendizagem por parte deles. Usar as tecnologias apenas como recurso didático é minimizar o seu potencial interativo e inovador (MORAN, 2001).

Mesmo oferecendo formas interativas de aprendizagem, constatamos que algumas professoras não fazem uso dessa interatividade. A ruptura de tais práticas na perspectiva de novas formas de aprendizagem precisa ser pensada e baseada na construção de novos papéis para o professor e, consequentemente, para o aluno. Essa construção poderá ser realizada a partir da formação de professores oferecida pelo NTEC, para que possam utilizar as tecnologias de modo crítico, ressignificando formas de uso e atuação pedagógica. Formação esta, que articula a

prática, a reflexão, a investigação e os conhecimentos teóricos requeridos, para revelar a razão de ser da prática e promover uma transformação na ação pedagógica.

Com relação ao papel de interlocutor do professor da STE junto às professoras alfabetizadoras frente às tecnologias, constatou-se que, mesmo tendo os programas de formação continuada para o uso das TICs, as professoras apontam a fundamental importância da presença desse apoio na escola. Os professores da STE também participam dos programas de formação e, juntamente às professoras alfabetizadoras aprendem a trabalhar de forma diferenciada com as tecnologias. Dessa maneira, acreditamos que o conhecimento nos leva a construções e desconstruções, e os espaços para a formação contínua precisam ser constituídos de interação, abertos a possibilidades de conhecer e dar-se a conhecer. A formação continuada é, portanto, um caminho que propicia o professor de forma coletiva a construir novos conhecimentos para uma sociedade que está em constante movimento e mudanças.

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho contou com o apoio da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) e foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior-Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001. As autoras declaram não haver qualquer potencial conflito de interesse que possa interferir na imparcialidade deste trabalho científico.

REFERÊNCIAS

BARRETO, R. G. **Formação de professores, tecnologias e linguagens:** mapeando velhos e novos (des)encontros. São Paulo: Loyola, 2002.

BEHRENS, M. A. Projetos de aprendizagem colaborativa num paradigma emergente. *In:* MORAN, J. M.; MASETTO, M. T.; BEHRENS, M. A. (org). **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. 4. ed. Campinas: Papirus, 2001, p.67-129.

BEHRENS, M. A. **Formação Continuada e a prática pedagógica.** Curitiba: Champagnat, 1996.

FREITAS, M. T. A. A formação de professores diante dos desafios da cibercultura. *In:* FREITAS, M. T. A. (org). **Cibercultura e formação de professores.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009, p.57-76.

FUSARI, J. C. **Formação contínua de educadores:** um estudo de representações de coordenadores pedagógicos da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo (SMESP). 1998. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** São Paulo: Editora Atlas, 1999.

IMBERNÓN, F. **Formação docente e profissional:** formar-se para a mudança e a incerteza. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

IMBERNÓN, F. **Formação continuada de professores.** Porto Alegre: Artmed, 2010.

KENSKI, V. M. impactos no trabalho docente. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 8, p. 58-71, mai./ago., 1998.

KENSKI, V. M. **Educação e Tecnologias:** o novo ritmo da informação. Campinas: Papirus, 2007.

KENSKI, V. M. **Tecnologias e tempo docente.** Campinas, SP: Papirus, 2012.

MARCELO GARCIA, Carlos. Las tecnologias para la innovación y la practica docente. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 52, p. 25-47, jan./mar., 2013. Disponível em: https://www.scielo.br/pdf/rbedu/v18n52/03.pdf. Acesso em: 02 ago. 2020. DOI: 10.1590/S1413-24782013000100003

MORAN, J. M. Ensino e Aprendizagem inovadores com tecnologias audiovisuais e telemáticas. *In:* MORAN, J. M.; MASETTO, M. T.; BEHRENS, M. A. (org). **Novas tecnologias e mediação pedagógica.** 4. ed. Campinas: Papirus, 2001, p. 11- 63.

NÓVOA, A. Concepção e prática da formação continuada de professores. *In:* NÓVOA, A. (org). **Formação continuada de professores:** realidade e perspectivas. Aveiro: Universidade de Aveiro, 1991, p. 09-32.

NÓVOA, A. "Profissão: Docente". Entrevista concedida via e-mail ao repórter Paulo de Camargo. **Revista Educação,** São Paulo, n. 154, nov., 2010. Disponível em:

https://revistaeducacao.com.br/2011/09/10/profissao-docente/. Acesso em: 02 ago. 2020.

PANIAGO, M. C. L. L. Formação continuada de professores em comunidade de prática: ensino-aprendizagem mediado pelas tecnologias. *In:* CARVALHO. C.H. (org.). **Desafios da produção e da divulgação do conhecimento.** Uberlândia: EDUFU, 2012, p. 327-339.

PIMENTA, S. G. Formação de professores: identidade e saberes da docência. *In:* PIMENTA, S. G. (org). **Saberes pedagógicos e atividade docente.** São Paulo: Cortez Editora, 1999, p. 15-34.

PONTE, J. P. As TIC no início da escolaridade: Perspectivas para a formação inicial de professores. *In:* PONTE, J. P. (org). **A formação para a integração das TIC na educação pré-escolar e no 1.º ciclo do ensino básico.** Porto: Porto Editora, 2002, p. 19-26.

SAMBUGARI, M. R. N.; ARRUDA, M. R. A formação continuada na rede municipal de ensino de Corumbá/MS: limites e perspectivas. **Nuances: estudos sobre Educação**. Presidente Prudente, SP, v. 19, n. 20, p. 116-133, maio/ago. 2011. Disponível em http://revista.fct.unesp.br/index.php/Nuances/article/viewFile/984/985. Acesso em: 02 ago. 2020. DOI: 10.14572/nuances.v19i20.984

SAMPAIO, J.; BONILLA, M. H. S. Articulações entre a formação de professores e os espaços públicos de acesso à internet. *In:* ENCONTRO DE PESQUISA EDUCACIONAL DO NORTE E NORDESTE, 19, 2009, João Pessoa. **Anais [...]**. João Pessoa: Editora universitária da UFPB, 2009.

SAMPAIO, M. N.; LEITE, L. S. **Alfabetização tecnológica do professor.** 3. ed., Petrópolis: Vozes, 1999.

SILVA, Ezequiel T. da. **Magistério e mediocridade.** São Paulo: Cortez, 1992.

TEIXEIRA, E. **As três metodologias:** acadêmica, da ciência e da pesquisa. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.